



Faculdade
SANT'ANA

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A ELABORAÇÃO DO LUTO MATERNO

Anselmo Fabricio Portela ¹

Sheron Lima da Silva ²

Sara Scheidt Soriano ³

Resumo: O luto materno causa um grande impacto na vida da mulher, devido ao laço mãe-filho que foi estabelecido. E por ser este tema de grande relevância pretendemos por meio deste artigo investigar como o psicólogo pode atuar nesses casos através da abordagem psicanalítica. Usamos enquanto método a pesquisa bibliográfica qualitativa objetivando verificar a visão psicanalítica da constituição do laço mãe-filho, indicar aspectos específicos do luto materno, inclusive os relacionados ao narcisismo da mãe e apontar maneiras de elaboração do luto materno. Nesse contexto consideramos que o psicólogo pode auxiliar a mãe a passar pelas fases do luto, proporcionando conforto psíquico e auxiliando no processo de elaboração dessa grande perda.

Palavras-chave: Psicanálise. Luto materno. Laço mãe-filho.

1 INTRODUÇÃO

Como parte das experiências vivenciadas no Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'Ana, foi realizada em 2012 uma atividade de rua, no Parque Ambiental de Ponta Grossa, com intuito de divulgar a Psicologia e esclarecer à população os benefícios da mesma na melhoria da qualidade de vida.

Nessa atividade encontravam-se presentes, além de estudantes e professores da Faculdade Sant'Ana, alguns pacientes do CAPS, entre eles, uma senhora com diagnóstico de depressão. Ela entrou em depressão após a perda de

¹ Especialista em Educação Patrimonial, licenciado em História pela UEPG e acadêmico do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'Ana, horusfab@gmail.com

² Acadêmica do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'Ana, sheronsud@gmail.com

³ Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, docente da Faculdade Sant'Ana, sarasoriano@ymail.com

um filho. Isso gerou as seguintes questões: como um psicólogo pode auxiliar num caso como esse? É possível que o luto de uma mãe seja superado?

A ação do psicólogo diante do luto é um tema abordado no Curso de Psicologia, na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento IV. Nessa disciplina, uma das discussões foi sobre as cinco fases do luto, apresentadas no livro “Sobre a morte e o morrer”, de Elizabeth Kubler-Ross. A partir desse estudo, pode-se pensar como o acompanhamento psicológico pode ser útil nas cinco fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. (ROSS, 1996)

Para a pesquisa sobre o luto materno, torna-se primordial considerar os textos de Freud (2013) “Luto e Melancolia”, que apresenta a visão básica da psicanálise a respeito do luto e sua diferenciação da melancolia, e também o texto “Introdução ao Narcisismo”, através do qual se pode pensar os aspectos relacionados ao narcisismo da mãe, que colocou tantas fantasias no nascimento e no crescimento do filho.

Levando em consideração que a ação do psicólogo diante do luto materno é um tema de grande relevância para a sociedade, pretende-se investigar como o psicólogo pode atuar nesses casos através da abordagem psicanalítica. Sendo assim, pretende-se verificar a visão psicanalítica da constituição do laço mãe-filho, indicar aspectos específicos do luto materno, inclusive os relacionados ao narcisismo da mãe e apontar maneiras de elaboração do luto materno.

2 METODOLOGIA

Este artigo desenvolveu-se através de pesquisa bibliográfica tendo em vista que a mesma, de acordo com Lima e Miotto (2007), é um procedimento metodológico e científico que possibilita ao pesquisador o vislumbre de soluções para o seu problema de pesquisa e caracteriza-se por ser um conjunto ordenado de procedimentos que buscam a solução do problema da pesquisa e que está diretamente ligado ao objeto de estudo.

E de acordo com Fonseca (2007) todo trabalho científico inicia-se através da pesquisa bibliográfica porque esta permite ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o objeto a ser investigado levantando-se referências teóricas já analisadas e, deste modo, obter informações prévias sobre o problema a ser investigado:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico

inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002, p. 32).

Este artigo não tem por objetivo realizar nenhuma representação numérica e, nem tampouco, quantificar os valores dos resultados, características de uma pesquisa quantitativa. Configura-se, enquanto ao tipo de pesquisa, em uma pesquisa qualitativa, a qual, segundo Goldenberg (1997):

"[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa." (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Ao desenvolver essa pesquisa bibliográfica qualitativa buscamos fundamentar o nosso objeto de estudo, de modo a contribuir, com elementos outros que possam subsidiar novas análises a partir dos dados obtidos, sendo que foram pesquisados autores da abordagem psicanalítica. Deste modo podemos afirmar que a pesquisa que realizamos difere de uma mera revisão bibliográfica já que esta consiste apenas, segundo Lima e Miotto (2007), na simples observação de dados extraídos das fontes pesquisadas sem qualquer tipo de reflexão teórica sobre eles e, tampouco, uma compreensão crítica do significado neles existentes.

3 O LAÇO MÃE-FILHO

A constituição da maternidade começa muito antes da gravidez ou do nascimento do bebê. A mulher, ainda enquanto menina, brinca de boneca e fantasia seu futuro como mãe, quando poderá embalar seu bebê.

O processo de constituição da maternidade inicia-se muito antes da concepção, a partir das primeiras relações e identificações da mulher, passando pela atividade lúdica infantil, a adolescência, o desejo de ter um filho e a gravidez propriamente dita. Contribuem também para este processo aspectos transgeracionais e culturais, associados ao que se

espera de uma menina e de uma mulher, tanto dentro da família como numa determinada sociedade. (PICCININI, 2008, p. 64)

Quando esse futuro chega, a descoberta da gravidez, as experiências da gestação e do parto, são como rituais que vão deixando marcas na sua psique. Cada movimento do seu filho, quando se mexe ou chuta no seu ventre, vai ficando marcado para ela. Os enjoos, as dores, as preocupações, tudo vai deixando marcas nessa mãe, que passa a concentrar-se nas necessidades do filho. (MARSON, 2008)

Quando o filho nasce, o toque no seu bebê, os olhares, a amamentação, os banhos, os sorrisos, os choros, os balbucios, os embalos para dormir, a troca de fraldas, tudo isso vai construindo o vínculo mãe-bebê. Assim, a mãe vai se adaptando a uma rotina de cuidados com seu filho, o que contribui para que seja ainda mais difícil o desligamento desse objeto de amor, devido ao seu investimento nessa relação. (GUTIERREZ et al, 2011)

Esse investimento da mãe na relação com seu filho pode ser chamado de libido. Segundo Freud (2014, p. 415) “A libido, de maneira análoga à fome, designa a força com que o instinto se manifesta”. Assim, a libido pode ser entendida como o instinto da mãe, que a impulsiona à busca de prazer na relação com o filho, sendo que ela coloca grande parte das suas forças, da sua energia, nessa relação, estando direcionada para essa busca.

Nesse vínculo com seu filho, a mãe investe mais em si mesma e no seu filho, do que em outras relações ou áreas da vida, que recebem uma atenção consideravelmente menor. (SMITH, 1999 apud PICCININI, 2008)

É importante destacar que essa relação mãe-filho é essencial para a constituição do eu do bebê. Segundo Winnicott (1975) na relação com a mãe o bebê começa a identificar a própria existência, sendo que, por exemplo, durante o processo de amamentação, o bebê volta seu olhar para o rosto da mãe e acaba enxergando a si mesmo.

Segundo Ferrari et al (2006, p. 274) “Podemos pensar que para um sujeito investir libidinalmente em um objeto ele precisa, originalmente, ter sido investido por um outro, ou seja, para tornar-se sujeito foi necessário passar pela posição de objeto.” Assim, para a constituição do eu do bebê, foi primordial a relação com sua mãe, que é uma relação objetal.

Além disso, nesse vínculo entre mãe e filho, estão refletidos os vínculos que a mãe tem ou já teve em sua vida. Segundo Gutierrez et al (2011, p 11) “A vivência da

maternidade terá como pano de fundo todos os outros vínculos da vida da mãe, essencialmente o vínculo primitivo, com seus próprios pais.”

Portanto, para uma compreensão maior da relação mãe-filho, é preciso investigar as experiências da mãe e, através da psicanálise, buscar compreender o narcisismo da mãe.

O narcisismo é um dos temas mais recorrentes quando se trata de psicanálise. Segundo Freud (2013, p. 14) o narcisismo refere-se à “conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual”. No narcisismo, a libido seria direcionada para o próprio eu, e não para o mundo externo. Contudo, o narcisismo não seria considerado uma perversão, mas teria relação com o instinto de autoconservação.

Ferrari et al (2006, p. 272) comenta sobre o narcisismo apresentado por Freud, considerando que “No tipo narcísico, ama-se a si mesmo, ao que se foi, ao que se gostaria de ser e, à pessoa que foi parte de si mesmo”. Além disso, discute que há, segundo Freud, a libido narcísica, dirigida ao eu, e a libido objetal, dirigida a um objeto externo ao eu, e que essas libidos teriam uma relação inversamente proporcional, o que significa que quando uma aumenta, a outra é diminuída.

Com isso, pode-se pensar no narcisismo apresentado pela mãe, que teria a libido direcionada ao próprio eu, e também na relação dela com seu filho, com a libido direcionada a um objeto de amor.

Marson (2008) também comenta os textos de Freud, a respeito da ligação entre o amor dos pais por seus filhos e o narcisismo dos pais:

[Freud] atribui ao amor e às atitudes afetuosas dos pais em relação aos filhos uma característica narcísica. Segundo ele, o narcisismo primário dos pais, já abandonado, é revivido e reproduzido em seu amor ao filho. A atitude emocional dos pais será dominada pela supervalorização, o que revela o caráter narcísico deste afeto, sendo ao filho atribuído todas as perfeições e suas deficiências. (MARSON, 2008, p. 162)

Pode-se pensar que o narcisismo da mãe é revivido no período de gestação pelo fato dela carregar um bebê no próprio ventre, o que é percebido por ela como um estado especial. Aliado a isso, percebe-se que ao valorizar seu filho, a mãe está também valorizando a si mesma. (PICCININI et al 2008)

Segundo Freud (2013, p. 35) “No filho que dão à luz, uma parte do seu próprio corpo lhes surge à frente como um outro objeto, ao qual podem então dar, a partir do narcisismo, o pleno amor objetal”.

No relacionamento mãe-filho, inicialmente coexistem tanto o narcisismo como a relação objetal, mas à medida que o filho cresce, e que o apego aumenta, a tendência é que a relação objetal acabe sendo priorizada, em detrimento do narcisismo da mãe, ou seja, que ela acabe tendo sua libido narcísica diminuída, por colocar seu filho como prioridade. (FERRARI et al 2006)

Segundo Freud, vai se desenvolvendo a atitude terna da mãe para com seu filho, ao qual ela atribui todas as qualidades para quem dedica toda a sua energia, tratando o filho como

His majesty the baby, como um dia pensamos em nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia recompensa para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. (FREUD, 2013, p. 37)

Por esse laço tão forte que vai sendo construído entre mãe e filho, torna-se difícil para os pais pensarem que seu filho está sujeito à adversidades e à morte. Segundo Freud, o pensamento dos pais é que

As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação. (FREUD, 2013, p. 37)

Sendo assim, torna-se difícil para a mãe aceitar o fato de que seu filho pode adoecer e falecer. Toda a libido objetal presente na relação mãe e filho torna o laço entre eles tão forte que a mãe não cogita essa possibilidade de separação.

4 O LUTO E O LUTO MATERNO

A morte de um filho envolve a perda dos sonhos e

*das esperanças dos pais. Mais do que isso,
a prematuridade da morte de uma criança pode levar
os membros da família ao mais profundo
questionamento do sentido da vida.*

(Wacsh e Mcgolorick)

O luto se faz presente em múltiplas configurações da existência humana, expressando-se na diversidade de experiências relacionadas à perda. De acordo com o dicionário Aurélio de Língua Portuguesa o luto pode ser entendido como um “processo durante o qual um indivíduo consegue desligar-se progressivamente da perda de um ente querido”. É um processo que, independente de classe social, todos os seres humanos já passaram ou irão passar em algum momento da vida proveniente da perda de algo ou de alguém a quem amam. Essa perda não precisa ser de uma pessoa, podendo ser de natureza diversa, como por exemplo, a perda de um emprego, de uma promoção, de uma condição física. Bousso considera que:

O luto é a consequência da experiência de perda que acontece sempre que nossa vida for afetada pelo término de uma relação, de um projeto ou de um sonho. Ele significa um sofrimento emocional intenso causado pela perda, uma tristeza profunda, um processo dinâmico, individualizado e multidimensional pelo qual o indivíduo que perdeu algo significativo atravessa. (BOUSSO, 2011. p. vii)

O historiador Ariès (1989) considera que nós ocidentais temos uma grande dificuldade de lidar com as questões relacionadas à morte e principalmente às questões de perdas porque não reconhecemos que a vida e a morte são faces de um mesmo processo, o qual organiza e equilibra o ser humano e a natureza. Limitamo-nos, segundo ele, a observar a morte e seus desdobramentos enquanto um evento negativo devendo, a mesma, ser afastada de nossas verbalizações e pensamentos cotidianos.

Para Freud o luto é descrito como sendo, na maioria dos casos, uma resposta à perda de um ente querido ou de algo que esteja no lugar dela, como por exemplo, a liberdade, a pátria. Não devendo, portanto, ser considerado como algo patológico e, o mesmo, poderá ser superado após algum tempo sendo inadequado e/ou prejudicial interferir nesse processo. O luto de acordo com ele, justifica-se pelo fato de que como o objeto amado já não mais existe, é necessário “que toda a libido seja retirada de suas ligações com

esse objeto.” Tal processo será cumprido “pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento (...) e uma vez concluído o trabalho de luto, o ego fica novamente livre e desinibido. (Freud, 2011. p. 49 e 51)

Quando a mãe perde seu filho, trata-se de uma perda real de um objeto amoroso. O vínculo que existia na relação mãe-filho é rompido pela morte e a mãe precisa enfrentar isso, sendo que em sua mente ocorre o que Freud chamou de trabalho do luto. (FREUD, 1915)

Com a ausência do objeto amoroso, que até então estava enlaçado com a mãe, ela precisa reelaborar o vínculo que tinha com seu filho, porque agora ele está longe de sua realidade.

A cada uma das recordações e expectativas que mostram a libido ligada ao objeto perdido, a realidade traz o veredicto de que o objeto não mais existe, e o Eu, como que posto diante da questão de partilhar ou não esse destino, é convencido, pela soma das satisfações narcísicas em estar vivo, a romper seu vínculo com o objeto eliminado. Podemos imaginar que esse rompimento ocorra de modo tão lento e gradual que, ao fim do trabalho, também o dispêndio que ele requeria foi dissipado. (FREUD, 2013, p. 189)

O trabalho do luto ocorre de maneira gradual, passo a passo, à medida que a mãe vai elaborando o que aconteceu. Segundo Freud (2013) o luto tem essa característica de realizar pouco a pouco o desligamento da libido que estava direcionada ao objeto amado.

5 AUXÍLIO DA PSICANÁLISE

Quando uma mãe em processo de luto chega à clínica do psicanalista, primeiramente precisa ser acolhida em seu sofrimento e encontrar um ambiente em que possa sentir-se aceita e expressar tudo que ela desejar.

Segundo Bernardino (2011), as entrevistas preliminares servem para a escuta e localização na história do paciente, e para o acolhimento da queixa, sem fazer interpretações. Portanto, a mãe deve ser acolhida na clínica, de acordo com suas queixas e necessidades.

De acordo com Ireland (2011), o terapeuta precisa inicialmente abster-se de questionar e de interpretar o que a mãe diz, mantendo-se na função de proporcionar escuta e apoio, sendo solidário à situação da mãe.

Na figura do analista, essa mãe encontra a pessoa a quem pode relatar todos os porquês que tem em sua mente, a respeito do que aconteceu, todo sentimento de culpa que porventura tiver, todas as suas dores e dificuldades.

De acordo com Freud (2010) deve-se deixar o paciente livre para falar o que quiser e para escolher por onde começar seu relato. O início do tratamento consiste numa sondagem para conhecer o caso, deixando o paciente falar à vontade, e lhe dizendo só o que for indispensável para que ele continue a narrativa de sua história.

Assim, vai sendo construído o vínculo entre mãe e psicanalista, o qual possibilita que a mãe se sinta à vontade para expressar todas as lembranças a respeito do filho, da gestação, do parto, dos cuidados que tinha com o filho na sua criação. Além disso, a mãe pode relatar seus desejos, as fantasias e os sonhos que tinha com relação ao filho e seu futuro.

Todas essas questões, marcadas por muita comoção e sofrimento, precisam ser acolhidas sem que o psicanalista questione, interprete ou investigue, considerando o estado doloroso em que a mãe se encontra. Sendo assim, nas entrevistas preliminares, o psicanalista deve ouvir o que a mãe quiser falar, do jeito que ela quiser, no tempo e no ritmo escolhido por ela.

Conforme Macedo e Falcão (2005), a psicanálise visa escutar com atenção os lapsos, as repetições, os sonhos e os sintomas expressados pelo sujeito, possibilitando ao sujeito recordar, analisar e interpretar os fatos por si mesmo.

A relação de transferência que se estabelece entre o terapeuta e a mãe pode incluir que a mãe coloque o terapeuta no lugar de sua própria mãe, sentindo-se amparada, segura, ocorrendo o que se pode chamar psicanaliticamente de um revestimento narcísico, no qual a mãe em luto volta-se para si mesma, por intermédio do laço que tinha com a própria mãe. (IRELAND, 2011)

Segundo o texto “o método psicanalítico de Freud” (1904), a tarefa do método psicanalítico é eliminar as amnésias, ou seja, as lacunas na história do paciente, os pontos enigmáticos de seus relatos, o que permite que a mãe elabore aspectos da sua história, incluindo a perda de seu filho.

Sendo assim, de acordo com o texto de Freud “recordar, repetir e elaborar” a terapia psicanalítica auxilia a mãe a recordar sua história e seus momentos com o filho, a repetir situações no ambiente analítico e a elaborar sua perda. (FREUD, 2010)

Nesse processo, o terapeuta pode encontrar resistência por parte da mãe. De acordo com Freud (2010), resistência é o meio pelo qual alguns conteúdos valiosos para o entendimento da história do paciente não são apresentados, ficando ocultos.

Sendo assim, o terapeuta precisará trabalhar com o objetivo de auxiliar a mãe nesse processo de encontro com seus próprios conteúdos, a fim de reelaborar sua história e, especificamente, elaborar o seu luto.

O trabalho de simbolizar e elaborar a perda, reencontrando novos caminhos para o desejo, leva certo tempo e envolve algum pesar. É por meio desse percurso que esses objetos de amor podem ser desinvestidos e o sujeito passa a encontrar novos substitutos. Evidentemente, esse processo não é tão simples, pois envolve não apenas encontrar um objeto substituto, mas elaborar as fantasias conscientes e inconscientes que são ativadas com a perda de objeto. O processo de luto é, portanto, um redimensionamento das fantasias e defesas do psiquismo, em busca de um novo equilíbrio de forças. (CAMPOS, 2013, p. 16)

Com isso, percebe-se a complexidade do trabalho do luto, devido à elaboração que é necessária. O laço construído entre mãe e filho, rompido pelo falecimento do filho, precisa ser reelaborado, o que não é uma tarefa fácil.

Contudo, o psicólogo precisa saber que a reação da mãe diante do luto está relacionada às vivências que essa mãe já teve. A mãe já passou por outras experiências de afastar-se do bebê, primeiro no parto, que é a primeira separação, depois quando a mãe vai incluindo o pai e outras pessoas no cuidado do filho, ou quando a mãe precisa cuidar das próprias necessidades, mãe e filho foram experienciando afastamentos.

Com isso, torna-se também relevante essa investigação por parte do psicólogo a respeito de como foram as reações da mãe diante das experiências que ela teve de separação do seu filho, desde o parto. Essa investigação é ponto-chave no tratamento psicológico, porque auxiliará na compreensão do funcionamento dessa mãe diante das separações.

6 CONCLUSÃO

O luto materno causa um grande impacto na vida da mulher, devido ao laço mãe-filho que foi estabelecido. Por meio de pesquisa bibliográfica, verificou-se que a psicanálise pode auxiliar na compreensão de como o laço mãe-filho é estabelecido, rompido e pode ser reelaborado no contexto do luto.

Sendo assim, o psicólogo pode auxiliar a mãe a passar pelas fases do luto, proporcionando conforto psíquico e auxiliando no processo de elaboração dessa grande perda, considerando que a morte do filho não é exclusiva causa do sofrimento materno, mas que toda a história da mãe, o seu narcisismo, as suas vivências, fantasias e sonhos, seu próprio eu, estão associados nesse contexto. Por isso, o trabalho do psicólogo não é especificamente com respeito ao luto, mas muito mais abrangente.

Como Freud (2013) afirmou, o luto por si só não é patológico e não precisa de tratamento, porém, a mãe enlutada, repleta de questionamentos, anseios, culpas e dotada de uma bagagem de vivências, pode sim receber grande auxílio por ocasião da perda de seu filho, por intermédio de um acompanhamento psicanalítico.

O psicólogo, a fim de atuar em casos que envolvam o luto materno, precisa compreender a respeito do luto para poder manejar a terapia. Além disso, durante o tratamento, é importante a investigação de como a mãe reagiu a outros afastamentos de seu filho, como no parto e no início da escola, para saber como é o funcionamento da mãe nessas situações de separação, o que será útil na compreensão do caso.

Contributions of Psychoanalysis to the Preparation of Mourning Mother

Abstract: The maternal grief has a major impact on a woman's life because of the mother-child bond that was established. And because this subject is of great relevance we intend through this article To investigate how the psychologist can act in these cases through the psychoanalytic approach. We used qualitative bibliographical research as a method to verify the psychoanalytic view of the constitution of the mother-child bond, to indicate specific aspects of maternal mourning, including those related to the mother's narcissism and to point out ways of elaborating maternal mourning. In this context we consider that the psychologist can help the mother to go through the phases of mourning, providing psychic comfort and helping in the process of elaboration of this great loss.

Keywords: Psychoanalysis. maternal grief. mother-child bond.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **Sobre a História da Morte no Ocidente**. Lisboa: Teorema, 2.ed. 1989. p. 190.

BERNARDINO, L. **As entrevistas preliminares na psicanálise com crianças**. Associação psicanalítica de Curitiba, em Revista, n.23, 2011, p. 65-73.

BOUSSO, REGINA SZYLIT. A complexidade e a simplicidade da experiência do luto in **Acta Paulista de Enfermagem**, v.24, n.3, p.7, 2011

CAMPOS, E.B.V. **Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise**. Revista de Psicologia da Faculdade de Ciências - UNESP Bauru, 12 (1), 2013, p. 13-24.

FERRARI, A. G. et al. **O narcisismo no contexto da maternidade**: algumas evidências empíricas. Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, p. 271-278, set/dez 2006.

FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise [1916-1917]**. Obras completas, vol 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]**. Obras Completas Vol 12. Tradução e notas de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, S. (1917). **Luto e Melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos [1911-1913]**. Obras Completas Vol 10. Tradução e notas de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, S. **O início do tratamento (1913)**. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

FREUD,S. **O método psicanalítico de Freud**. 1904

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. p. 32

GUTIERREZ, D. M. D. **Vínculo mãe-filho**: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. Revista do Nufen – Ano 03, v. 01, n. 02, agosto-dezembro, 2011.

IRELAND, V. E. **A dor do luto e seu acolhimento psicanalítico**. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte – MG, n. 35, p. 151-166, jun/2011.

MACEDO, M; FALCÃO, C. **A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta**. Psychê v.9 n.15 São Paulo jun. 2005. ISSN 1415-1138.

MARSON, A. P. **Narcisismo materno**: quando meu bebê não vai para casa... Revista SBPH v.11 n. 1, Rio de Janeiro, jun, p. 161-169, 2008.

PICCININI, C. A. Et al. **Gestação e a constituição da maternidade**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 13, n.1, p. 63-72, jan./mar., 2008.

ROSS, Elizabeth Klüber. **Sobre a morte e o morrer**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.